

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E ESTRANHAMENTO NA ERA DO CAPITALISMO MANIPULATÓRIO: A ATUALIDADE DE LUKÁCS E O SÉCULO XXI

Giovanni Alves¹

RESUMO: O presente artigo trata da reflexão do último Lukács, que estava incisivamente voltada para a crítica da manipulação nos vários âmbitos do pensamento e da atividade do homem. Na entrevista de 1965, concedida para os intelectuais alemães Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, publicada no livro “Conversando com Lukács” (Ed. Paz e Terra, 1965), Georg Lukács denominou o capitalismo do pós-II guerra mundial de “capitalismo manipulatório”

Palavras-chave: Lukács. Estranhamento. Capitalismo manipulatório.

A reflexão do último Lukács estava incisivamente voltada para a crítica da manipulação nos vários âmbitos do pensamento e da atividade do homem. Na entrevista de 1965, concedida para os intelectuais alemães Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, publicada no livro “Conversando com Lukács” (Ed. Paz e Terra, 1965), Georg Lukács denominou o capitalismo do pós-II guerra mundial de “capitalismo manipulatório”.² Na verdade, sob o capitalismo tardio, a manipulação torna-se nexos essencial do metabolismo social, penetrando os vários poros da vida cotidiana. A *manipulação* torna-

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2015.v52n2.8485>

¹ Giovanni Alves é doutor em ciências sociais pela Unicamp, livre-docente em sociologia e professor da Unesp, campus de Marília. É pesquisador do CNPq com bolsa-produtividade em pesquisa e coordenador da RET (Rede de Estudos do Trabalho)–www.estudosdotrabalho.org; e do Projeto Tela Crítica/CineTrabalho (www.telacritica.org). É autor de vários livros e artigos sobre o tema trabalho e sociabilidade, entre os quais “O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo (Boitempo Editorial, 2000)”, “Trabalho e subjetividade: O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório” (Boitempo Editorial, 2011), “Dimensões da Precarização do trabalho” (Ed. Praxis, 2013) e “Trabalho e neodesenvolvimentismo” (Ed. Praxis, 2014). E-mail: giovanni.alves@uol.com.br. Home-page: www.giovnianalves.org

² Toda citação sem referência bibliográfica diz respeito à fala de Lukács na entrevista concedida para os intelectuais alemães Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, publicada no livro “Conversando com Lukács” (Ed. Paz e Terra, 1965).

se a matriz estruturante e estruturadora da alienação em sua forma intensa e ampliada, contribuindo, deste modo, para a desefetivação do ser genérico do homem.

Lukács coloca que, com a nova realidade sócio-histórica do capitalismo manipulatório, tornam-se necessárias investigações ontológicas sobre a natureza da alienação/estranhamento que não se reduz àquela constatada por Karl Marx e Friedrich Engels na segunda metade do século XIX. Naquela época, o capitalismo industrial não tinha exposto ainda a manipulação como traço da conformação sociometabólica do capital, o que só ocorreria no decorrer do século XX, o século da modernização capitalista em escala planetária³.

1. Manipulação e novas formas da precarização do trabalho⁴

A manipulação como traço estrutural do sociometabolismo do capital perpassa as múltiplas instâncias da vida social. Ela altera o modo de ser da precarização do trabalho que assume, deste modo, não apenas a forma de precarização salarial, mas a forma de precarização existencial e a forma de precarização do homem-que-trabalha (“homem” no sentido de ser humano-genérico) ou precarização da pessoa humana que trabalha. A precarização existencial é a precarização das condições de existência humana por conta da presença da manipulação nas instâncias da vida cotidiana dos homens e mulheres. Deste modo, o trabalhador assalariado não é manipulado apenas nos locais de trabalho reestruturado, mas principalmente na vida cotidiana que cria, hoje mais do que nunca, formas e situações de vida reificantes. Trabalho e vida para o consumo articulam-se como um todo concreto da manipulação reflexiva do capital. O modo de vida *just-in-time* expressa a forma de ser da precarização existencial. Como observou Lukács, “quanto mais a vida cotidiana dos homens [...] cria formas e situações

³ É importante salientar, como bibliografia fundamental no Brasil, dos estudos lukacsianos sobre o tema do estranhamento o livro pioneiro de Gilmaisa Macedo da Costa – “Indivíduo e sociedade: Sobre a teoria de personalidade em Georg Lukács” (Instituto Lukács, 2012) – e posteriormente o livro “Lukács: Ontologia e Alienação”, de Norma Alcântara (Instituto Lukács, 2014). Tratam-se de estudos exploratórios fundamentais para a elaboração da nova crítica do capital como sociometabolismo estranhado no século XXI.

⁴ Procuramos elaborar nos livros “A condição de proletariedade” (Praxis, 2009), “Trabalho e Subjetividade” (Boitempo, 2011), “Dimensões da precarização do trabalho” (Praxis, 2013) e “Trabalho e Neodesenvolvimentismo” (Praxis, 2014) rudimentos de uma nova teoria crítica do capital como metabolismo social estranhado, procurando apreender, à luz dos novos fenômenos do capitalismo global, as novas formas de ser do estranhamento – no sentido lukacsiano – como novas dimensões da precarização do trabalho no século XXI.

de vida reificantes, com tão maior facilidade o homem cotidiano se adapta a elas entendendo-as, sem nenhuma resistência intelectual e moral, como ‘dados da natureza’, pelos quais em média – não sendo inelutáveis em linha de princípio – pode haver uma menor resistência às autênticas reificações alienantes.” (LUKÁCS, 2014).

Lukács percebe que a ampliação e intensificação das formas e situações de vida reificantes no capitalismo tardio – por exemplo, a posição da vida para o consumo - contribui para que a alienação como estranhamento se dissemine na medida em que diminui, em si e para si, a resistência intelectual e moral dos homens às autênticas reificações alienantes. A articulação entre *precarização salarial* e *precarização existencial*, trabalho e vida alienadas, provocam uma nova dimensão da precarização do trabalho que denominamos de *precarização do ser genérico do homem* como espécie ou *precarização do homem-que-trabalha*. A precarização da pessoa-que-trabalha se manifesta hoje, por exemplo, pelo crescimento dos adoecimentos laborais, principalmente na forma de transtornos psicológicos. Esta é a verdadeira expressão do fenômeno do estranhamento, como iremos ver mais adiante (ALVES, 2013, 2014).

Nesse sentido, na era do capitalismo manipulatório, com o “espírito do toyotismo” (ALVES, 2011) se disseminando na totalidade social (o que explica a efetivação do modo de vida *just-in-time*), os indivíduos, como observou Lukács, “são tão facilmente envolvidos pelos impulsos à alienação – se poderia dizer: inclinando a ela com maior espontaneidade e escassa resistência – quanto mais as suas relações de vida são percebidas por ele em termos abstratos, reificados e não de modo espontaneamente processual.” (LUKÁCS, 2014) Portanto, a escassa resistência à alienação e a sua transformação na atitude espontânea da vida cotidiana – aquilo que Karel Kosik indicava como pseudo-concreticidade da vida cotidiana (KOSIK, 1976) – faz com que ela se imponha como modo de vida. Mas o que parece decisivo na reflexão lukacsiana é a afirmação do conceito de estranhamento (o que denominamos de precarização do ser genérico do homem-que-trabalha) como sendo o resultado efetivo das autênticas reificações alienantes. Portanto, o estranhamento decorre não apenas da precarização salarial intrínseca ao modo de organização do trabalho na sociedade capitalista, mas também da precarização existencial dada pelo fenômeno da vida reduzida e pelo modo de vida *just-in-time*.

Uma série de sociólogos burgueses identificaram, no plano da contingência, as novas misérias do capitalismo tardio como sendo a “corrosão do caráter” (Sennet) ou

ainda a “cegueira moral” (Baumann). Muito antes (1905), Max Weber percebia as misérias da modernidade – considerada por ele como destino irremediável – como resultado da “burocratização da vida” (incapaz de vincula-la, em sua essencialidade, ao modo de produção capitalismo e ao sociometabolismo do capital). Diz ele: “...é horrível pensar que um dia o mundo será ocupado somente por estas pequenas peças, por pequenos homens que se agarram a pequenos empregos e procuram obter outros maiores – uma situação que...tem um papel crescente no espírito de nosso sistema administrativo presente...Esta paixão pela burocracia é suficiente para pôr-nos em desespero...A grande questão não é saber como promover e estimular esta evolução, mas como se opor a esta máquina para manter uma parte da humanidade livre desse desmembramento da alma, desta suprema dominação do modo burocrático de vida.” (WEBER, 1985) Ou ainda: “Esta ordem está hoje ligada às condições técnica e econômica da produção pelas máquinas, que determina a vida de todos os indivíduos nascidos sob este regime com força irresistível, não apenas os envolvidos diretamente com a aquisição econômica. E talvez assim a determine até que seja queimada a última tonelada de carvão fóssil.” (WEBER, 2004)

Entretanto, o último Lukács salientaria o fato de que as relações de vida dos indivíduos são percebidas por ele em termos *abstratos, reificados e não de modo espontaneamente processual*, repondo a problemática clássica do fetichismo da mercadoria do velho Marx (MARX, 1985) ou ainda o problema do fenômeno da reificação e a consciência do proletariado, exposto no seu livro clássico “História e Consciência de Classe” (LUKÁCS, 2003). Entretanto, o verdadeiro problema do estranhamento diz respeito não a “estados da consciência teórica”, mas sim, a “estados reais de vida” ou modo de vida que organiza a existência das pessoas-que-trabalham. Lukács observa que a “verdadeira superação não pode ser simplesmente de caráter teórico, por mais elevado que seja o nível em que se coloca.” (LUKÁCS, 2014)

As novas expressões da precarização do trabalho dizem respeito à nova etapa do capitalismo histórico – o capitalismo manipulatório – que no século XXI assume dimensão plena (o que reforça a atualidade do pensamento do último Lukács no século XXI). Iremos mapear teoricamente como Lukács fundamenta a sua idéia de capitalismo manipulatório a partir da vigência efetiva da produção de mais-valia relativa e a posição da vida para o consumo fetichizado.

2. Capitalismo Manipulatório

Em sua entrevista de 1965, Georg Lukács observou que o capitalismo manipulatório é uma forma específica de capitalismo industrial. O que significa que, a partir de crise de 1929, o capitalismo mundial sofreu significativas transformações estruturais que alteraram o metabolismo social do capital. Por exemplo, o comunista Antonio Gramsci, no texto “Americanismo e Fordismo”, de 1934, conseguiu apreender os traços do novo capitalismo por meio dos conceitos de “americanismo” e “fordismo”, que expressam a nova realidade cultural hegemônica do capitalismo da produção em massa, caracterizada não apenas pelo novo modelo de produção de mercadorias, mas pela nova organização da cultura e dos intelectuais.

Para Georg Lukács, o que se coloca como elemento crucial no plano da práxis humana é o problema da manipulação que ele vincula à ampliação do mundo das mercadorias, e por conseguinte, da presença da industrialização capitalista em nossas vidas. Ele observa:

“Se recuarmos 80 ou 100 anos, ao tempo em que Marx trabalhava, vemos que a indústria dos meios de produção estava, em sua essência, largamente organizada em uma escala capitalista; podemos observá-lo na indústria têxtil, na indústria de moagem, na indústria do açúcar, que formavam quase todos os setores econômicos da grande indústria capitalista. Ora, nos oitenta anos seguintes, o consumo inteiro foi absorvido pelo processo capitalista. Não falo somente da indústria de sapatos, confecções, etc; é muito interessante o fato de que com todas essas geladeiras, máquinas de lavar, etc, até mesmo o âmbito doméstico começa a ser dominado pela indústria. Mesmo o setor dos assim chamados serviços torna-se parte da grande indústria capitalista. A figura semifeudal do empregado doméstico dos tempos de Marx torna-se cada vez mais anacrônica e surge um sistema de serviços capitalistas”.

3. Produção em massa de mercadoria, consumo e manipulação

O capitalismo da produção em massa, denominado capitalismo fordista-keynesiano, é o capitalismo da grande indústria, cujos produtos-mercadorias devassam os mais diversos aspectos da vida social. O processo capitalista ocupa e preenche os mais diversos espaços do consumo humano. O mundo social tornou-se uma imensa coleção de mercadorias. Aliás, é salientando este traço do mundo burguês que Karl Marx abre o capítulo 1 do Livro I de “O Capital”. Diz ele: “A riqueza das sociedades

em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’ [...]” (MARX, 1986). Talvez, naquela singela constatação marxiana, que o século XX iria demonstrar à exaustão, estivesse contida o problema da manipulação irremediavelmente vinculada à expansividade da forma-mercadoria que impregnaria os produtos do trabalho humano.

Na medida em que a mercadoria é, não apenas valor de uso, mas também valor de troca, a relação de compra-e-venda tende a implicar homens e mulheres com as imposições naturalizadas e, portanto, fetichizadas, do mercado e da lei do valor. Foi a seção 4 do capítulo 1 do livro I de “O Capital”, intitulada “O fetiche da mercadoria e seu segredo” que inspirou Lukács a tratar da reificação capitalista no seu livro clássico “História e Consciência de Classe” (de 1923). Naquela época, pela primeira vez, um autor marxista tratou das implicações do fetichismo da mercadoria no pensamento e na atividade do homem.

A produção em massa de mercadorias coloca a necessidade de grandes aparatos de distribuição e circulação de mercadorias que abarcam a totalidade da vida social. Sob o capitalismo monopolista torna-se uma verdadeira *obsessão* vender produtos-mercadorias que são produzidos em larga escala. A grande indústria passa a abranger e transformar em produto-mercadoria, os mais diversos aspectos da vida social, como, por exemplo, a política e o lazer, que são impregnados pela forma-mercadoria. Diz Lukács:

“Tomemos um grande fabricante de máquinas ou qualquer outro industrial da época de Marx. É claro que sua clientela era extremamente limitada, de modo que podia distribuir seus produtos sem pôr em funcionamento um aparato de maior envergadura. Mas, com os meios da grande indústria, surge um produto destinado ao consumo de massa (basta pensar em produtos tais como lâminas de barbear) que torna necessário um aparato especial para levar milhões de lâminas de barba aos consumidores particulares. *Estou convencido de que todo o sistema de manipulação, do qual estamos falando, surgiu desta necessidade e depois estendeu-se também à sociedade e à política.* Agora este mecanismo domina todas as expressões da vida social, desde as eleições do presidente até o consumo de gravatas e cigarros” (o grifo é nosso)

Deste modo, Lukács vincula o surgimento da manipulação com a emergência da sociedade do consumo de massa de mercadorias. O capital é obrigado a manipular para poder vender os produtos-mercadorias e realizar a mais-valia contida neles. Eis o traço candente desta nova sociabilidade fetichizada do capital. A perspectiva lukácsiana é

uma perspectiva histórico-materialista que leva em consideração a totalidade concreta da produção do capital (produção, distribuição, circulação e consumo). A manipulação origina-se do movimento ampliado e voraz do mecanismo da produção do capital. Diz ele: “Agora este mecanismo domina todas as expressões da vida social, desde as eleições do presidente até o consumo de gravatas e cigarros.”

O que propiciou a expansividade espetacular da forma-mercadoria no século XX foi a nova base técnica da produção de mercadorias baseada na linha de montagem atrelada à esteira mecânica (o fordismo). O sistema de máquinas da grande indústria permitiu, no plano da produção, a posição da subsunção real do trabalho ao capital, cuja contrapartida, no plano da reprodução social, é a manipulação no tocante à imersão do homem que trabalha no mundo das mercadorias.

A riqueza capitalista aparece como uma imensa coleção de mercadorias cuja forma de ser impregna a vida social. Na verdade, a idéia de impregnação da vida social pela forma-mercadoria é a idéia da aderência/disseminação do fetiche da mercadoria, tratada por Marx na seção IV do Capítulo 1 do Livro I de “O Capital”) quando buscou desvelar o segredo do “fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias” (MARX, 1986).

4. Mais-valia relativa e manipulação

A posição da mais-valia relativa, que se torna o momento predominante da exploração capitalista sob a grande indústria, significa não apenas a presença do sistema de máquinas na produção de mercadorias, mas a predominância da forma-mercadoria no metabolismo social, e por conseguinte, a disseminação do fetichismo da mercadoria e da reificação nas relações sociais e humanas.

Georg Lukács, no livro “História e Consciência de Classe”, em 1923, tratara, de forma pioneira, das implicações sociais da reificação capitalista na atividade e no pensamento do homem. Naquele estudo clássico, ao tratar da reificação capitalista, o filósofo húngaro abordava um aspecto crucial do problema da manipulação. De modo pioneiro, Lukács, como, mais tarde, Antonio Gramsci, em “Americanismo e fordismo”, explicitava a natureza do metabolismo social do novo capitalismo que emerge com a expansão da forma-mercadoria sob a produção em massa de mercadorias (o fordismo-taylorismo).

Portanto, Lukács tende a vincular *o problema da manipulação à predominância da mais-valia relativa na dinâmica de exploração capitalista*. Na medida em que se altera a forma da exploração capitalista, alteram-se as condições de vida da força de trabalho, no tocante não apenas a sua relação com o processo de trabalho com as novas máquinas no processo de produção, mas também, com a vigência de um novo metabolismo social baseado na forma-mercadoria. Surge, deste modo, um modo de organização do tempo livre e consumo com implicações decisivas no plano da subjetividade do homem que trabalha.

Entretanto, na entrevista de 1965, o velho Lukács salientou um importante aspecto do problema da manipulação social, não tratado no estudo pioneiro sobre a reificação capitalista (no livro HCC, de 1923). Ele observa que foi a exploração baseada na mais-valia relativa que permitiu que o capitalismo pudesse elevar o nível de vida do trabalhador, com profundas implicações no plano da consciência contingente da classe trabalhadora. Diz ele:

“A exploração da classe operária passa cada vez mais da exploração através da mais-valia absoluta para a que se opera através da mais-valia relativa. *Isto significa que é possível um aumento da exploração ao lado de um aumento do nível de vida do trabalhador*. No tempo de Marx havia algo semelhante, mas apenas em forma embrionária; não digo que não existisse absolutamente. Marx reconheceu, no terreno da economia, e creio que foi ele quem o fez em primeiro lugar, a mais-valia relativa; mas ele mesmo fez certa vez, numa parte de ‘O Capital’ não publicada, uma observação muito interessante; isto é: que através da mais-valia absoluta a produção é apenas formalmente subsumida ao capital, de modo que a subsunção da produção sob as categorias do capitalismo só surge com a mais-valia relativa, coisa que constitui uma característica específica da nossa época” (o grifo é nosso).

A posição da *mais-valia relativa* significa a instauração do modo de produção capitalista propriamente dito, tendo em vista que a produção se subsume realmente ao capital. Antes, sob a predominância da mais-valia absoluta, a produção capitalismo está subsumida apenas formalmente ao capital. Mas o ponto decisivo é que o velho Lukács deriva, desta passagem histórica da *subsunção formal* à *subsunção real* do trabalho ao capital, no plano da produção capitalista, *implicações sociometabólicas*. Ou seja, a manipulação capitalista se põe de modo incisivo na medida em que a maior exploração tende a corresponder, ao mesmo tempo, a um aumento do nível de vida do trabalhador

assalariado, com implicações significativas no plano da consciência contingente do homem que trabalha. Eis a problemática do aburguesamento da classe operária.

Nas condições históricas do capitalismo tardio, o fetichismo da mercadoria, que oculta, no plano da consciência contingente, o trabalho social contido nos produtos-mercadorias, é elevado à enésima potência. A exacerbação do fetiche da mercadoria sob o capitalismo tardio constituiu um metabolismo social baseado, de forma incisiva, no fetichismo/manipulação social, no sentido da ocultação não apenas da exploração capitalista, mas da própria centralidade do trabalho social. Deste modo, não é apenas o fato da exploração capitalista que é ocultado na forma-mercadoria, mas também o próprio fato dela ser produto do trabalho social. A consciência da alienação, e a própria natureza da alienação, se alteram de forma significativa, com a presença intensa (e extensa) da mais-valia relativa e a constituição do mundo social burguês como uma “imensa coleção de mercadorias”.

5. A nova alienação/estranhamento

Lukács faz uma importante observação sobre a mutação concreta do problema da alienação/estranhamento [*Entfremdung*] na medida em que se altera o modo de produção capitalista com a vigência plena da mais-valia relativa:

“O inteiro problema da alienação adquire uma fisionomia inteiramente nova. No tempo em que Marx escrevia os ‘Manuscritos Económicos e Filosóficos’, a alienação da classe operária significava, imediatamente, um trabalho opressivo em um nível quase animal. Com efeito, a alienação era, em certo sentido, sinónimo de desumanidade. Exatamente por este motivo, a luta de classes teve por objetivo, por décadas, garantir, com reivindicações adequadas sobre salário e sobre o tempo de trabalho, o mínimo de vida humana para o trabalhador. A famosa reivindicação de oito horas de trabalho colocada pela Segunda Internacional é um sintoma desta luta de classe.”

No plano da consciência contingente do homem que trabalha, a alienação, na época de Marx, aparecia como desumanidade, no sentido de que a classe operária estava submetida a um trabalho opressivo em um nível quase animal. Naquela época, a exploração capitalista aparecia, quase de modo imediato, à consciência contingente dos trabalhadores assalariados. Além disso, o proletariado industrial não tinha acesso, no plano do consumo, aos produtos-mercadorias da grande indústria capitalista. No começo do capitalismo industrial, não havia se constituído uma “sociedade de consumo

de massa”, modo de organização social que oculta hoje, no plano do fetichismo da mercadoria, a dimensão incisiva da exploração capitalista.

Na medida em que a vigência da mais-valia relativa permitiu o aumento do padrão de vida de uma parcela ampliada da classe dos trabalhadores assalariados, com o acesso do proletariado organizado a uma “imensa coleção de mercadorias” que visam satisfazer novas necessidades criadas pelo modo de produção capitalista, altera-se, de modo significativo, segundo Lukács, o problema da alienação/estranhamento, que se recoloca noutros termos categóricos. Diz ele: “A mais-valia absoluta não morreu, mas simplesmente não desempenha mais o papel dominante; aquele papel que desempenhava quando Marx escrevia os ‘Manuscritos Económicos e Filosóficos’. Ora, o que daí decorre? Que um novo problema surge no horizonte dos trabalhadores, isto é, o problema de uma vida plena de sentido.”

O que Lukács sugere é o vínculo orgânico entre o *problema da manipulação*, que decorre da produção em massa da indústria capitalista e da obsessão candente em vender produtos-mercadorias para um contingente da classe trabalhadora com melhor capacidade aquisitiva, mobilizando, deste modo, de forma intensa e extensa, os aparatos de marketing e da propaganda, e o *problema do estranhamento*, que se manifesta no *problema de uma vida plena de sentido*.

6. Manipulação, estranhamento e falta de uma vida plena de sentido

A *posição da mais-valia relativa* operou dois momentos perversos no campo da subjetividade da classe do proletariado:

Por um lado, aumentou a taxa de exploração ou extração de mais-valia relativa, com a redução do salário relativo⁵. Na última metade do século XX, a exacerbação da

⁵ A redução do salário relativo no século XX é resultado dos limites do sindicalismo, como denunciado, por exemplo, por Rosa Luxemburg que acreditava que “a produção capitalista não pode avançar um só passo adiante sem reduzir a participação dos operários no produto social”. A redução da participação dos operários no produto social e o aumento da participação dos capitalistas ocorriam por meio das inovações técnicas na produção, pelo aumento da produtividade do trabalho. Diante da *lei da queda tendencial do salário relativo*, considerado por ela um “poder completamente invisível, uma ação simplesmente mecânica da concorrência e da produção de mercadorias”, que deixa aos operários uma porção cada vez menor da riqueza social produzida, os sindicatos nada poderiam fazer. Os sindicatos só poderiam cuidar do “atentado visível dos capitalistas contra os operários”, ou seja, as reduções de salários reais, que diminui o padrão de vida da classe operária. Diante da queda invisível do salário relativo, eles se sentiriam impotentes: “A luta contra a queda do salário relativo não é já uma luta que se desenvolve no terreno da economia mercantil, mas sim um assalto revolucionário, subversivo, contra a existência desta economia, é o movimento socialista do proletariado”. (Extraído de Roman Rosdolsky, 1986)

extração de mais-valia relativa ocorreu por conta das admiráveis inovações tecnológicas que incrementaram, de forma inédita, a produtividade do trabalho social e o poder do capital.

Por outro lado, o aumento de extração de mais-valia permitiu o aumento relativo do padrão de vida de contingentes expressivos do proletariado, que passou a ter acesso a uma imensa coleção de produtos-mercadorias que buscam satisfazer novas necessidades necessárias da vida metropolitana. A disseminação da forma-mercadoria, com seu fetichismo impregnando a vida social, tendeu a obnubilar ou ocultar, com maior candência, a consciência necessária de classe.

Deste modo, segundo Lukács, sob o capitalismo, o problema da alienação/estranhamento, é repostado, de forma ampla e candente, noutra patamar existencial, através do problema da falta de uma vida plena sentido. Um mundo pleno de mercadorias é, segundo Lukács, um mundo pleno de manipulação, que penetra não apenas os poros da produção, mas também do consumo e da reprodução social.

Se, por um lado, a percepção da exploração capitalista e o problema da alienação, no sentido originário exposto por Marx nos “Manuscrito de 1844”, tende a se esmaecer; por outro lado, põem-se, de modo incisivo, segundo Lukács, o problema do estranhamento como o problema da vida plena de sentido (o psicanalista austriaco Viktor Frankl salienta que o problema crucial do nosso tempo é o problema da busca de sentido da vida) (FRANKL, 2005).

A mudança estrutural no caráter da alienação coloca, de forma candente, no auge do capitalismo afluente (em 1968), novas exigências no plano da luta de classes. Diz Lukács: “A luta de classes no tempo da mais-valia absoluta estava voltada para a criação das condições objetivas indispensáveis a uma vida deste género. Hoje, com uma semana de cinco dias e um salário adequado, podem já existir as condições indispensáveis para uma vida cheia de sentido. Mas surge um novo problema: *aquela manipulação que vai da compra do cigarro às eleições presidenciais ergue uma barreira no interior dos indivíduos entre a sua existência e uma vida rica de sentido.* Com efeito, a manipulação do consumo não consiste, como se pretende oficialmente, no fato de querer informar exaustivamente os consumidores sobre qual é o melhor frigorífico ou a melhor lâmina de barbear; o que está em jogo é *a questão do controle da consciência.* Dou apenas um exemplo, o ‘tipo’ *Gauloises*: apresenta-se um homem de aspecto ativo e másculo, que se distingue porque fuma os cigarros *Gauloises*. Ou

ainda, vejo numa foto de publicidade, não sei se de um sabonete ou de um creme de barbear, um jovem assediado por, duas belas garotas por causa da atração erótica que determinado perfume exerce sobre elas” (o grifo é nosso).

Vimos que Lukács, adotando uma perspectiva histórico-ontológica, faz a conexão íntima entre *mais-valia relativa* e *manipulação*, no sentido de que a exploração pela mais-valia relativa propiciou, a um contingente organizado da classe trabalhadora, semana de cinco dias e salário adequado, isto é, *condições objetivas* indispensáveis para uma vida cheia de sentido.

Segundo Lukács, objetivamente o proletariado possui hoje condições materiais para uma vida plena de sentido que, entretanto, não se realiza, por conta da *manipulação social* que impregna a vida burguesa. O capitalismo da grande indústria de produção em massa tende, nas palavras do filósofo húngaro, a erguer, no interior desses indivíduos, “uma barreira entre a sua existência e uma vida rica de sentido”. A fruição da vida é reduzida ao gozo do consumo alienado. A ânsia fugaz pelo consumo de mercadoria é incapaz de dar um sentido à vida. Eis o sentido do estranhamento na ótica lukacsiana: o descompasso entre a *existência* dos indivíduos e uma *vida plena de sentido*.

De certo modo, para Lukács, o problema do estranhamento diz respeito a questão do *controle da consciência*, alvo-chave da manipulação do consumo visando a venda das mercadorias e a realização da mais-valia. A manipulação se ergue no interior dos indivíduos cuja ânsia pelo consumo é instilada pelos aparatos de marketing e propaganda, como uma finalidade em si mesma. Diz Lukács:

“Por causa desta manipulação, o operário, o homem que trabalha, é afastado do problema de como poderia transformar seu tempo livre em *otium*, porque o consumo lhe é instilado sob a forma de uma *superabundância de vida* com *finalidade em si mesma*, assim como na jornada de trabalho de doze horas a vida era ditatorialmente dominada pelo trabalho”.

Um detalhe: Lukács em várias passagens da sua entrevista, denominou o operário ou trabalhador assalariado de “homem que trabalha”, expressão que explicita o que está, de fato, hoje, sob fogo cruzado do capitalismo manipulatório: o *homem* ou o núcleo humano-genérico dos trabalhadores assalariados. Ora, antes de sermos trabalhadores assalariados, somos efetivamente, *homens* que trabalham. Salienta-se assim, a palavra “homem” no sentido do ser humano-genérico. Eis o sentido radical do

marxismo humanista de Lukács (radical no sentido de ir até as raízes, e a raiz é o próprio homem).

7. Tempo livre e *otium*

Nos países capitalistas desenvolvidos, em 1965, uma parcela significativa da classe do proletariado usufrui de uma semana de cinco dias e um salário adequado, que lhe garante um melhor padrão de vida em comparação com os proletários industriais do século XIX. Para o velho Lukács, o que se coloca, nas condições do “Welfare State”, é o problema de como transformar *tempo livre* em *otium* (ócio) ou tempo liberado da manipulação do capital; enfim, tempo de vida como campo de desenvolvimento humano, o que não ocorre, de imediato, com a redução da jornada de trabalho.

A produção da mais-valia relativa cria as bases objetivas para a liberação humana do trabalho como atividade exclusiva. Embora o homem que trabalha tenha hoje mais *tempo liberado* do trabalho estranhado, não significa que o tempo disponível seja *tempo livre* no sentido de ócio criativo. Na verdade, para Lukács, o problema é como transformar tempo liberado em tempo livre; ou tempo livre em *otium*.

Sob o capitalismo manipulatório, o tempo livre de trabalho estranhado torna-se mero tempo de consumo manipulado. Assim, o problema da manipulação, que Lukács coloca como intrínseca ao capitalismo da grande indústria, tende a deslocar a questão da luta pela redução da jornada de trabalho para a questão da transformação do tempo livre em *otium*. Na medida em que a sociedade burguesa torna-se uma imensa coleção de mercadorias, impregnadas de seu fetiche, a liberação relativa do homem que trabalha da alienação do trabalho estranhado, apenas o coloca à mercê de outro senhor: a Mercadoria. Para Lukács, embora seja necessária, a luta pela redução da jornada de trabalho *não* é suficiente para criar as bases materiais da emancipação social do proletariado. Enfim, na ótica lukacsiana, coloca-se hoje, mais do que nunca, a necessidade de formar sujeitos humanos capazes de transformar o tempo livre em *otium*, rompendo com a ânsia instilada pela lógica da mercadoria de transformar o tempo livre em tempo de consumo como finalidade em si mesma.

Se a redução da jornada de trabalho e a ampliação do tempo liberado do trabalho estranhado deve ocorrer através de um ato político, a transformação do tempo livre em *otium*, ou melhor, do tempo disponível em tempo livre no sentido pleno da palavra, implica um ato extraparlamentar, isto é, a formação de sujeitos humanos capazes de

fruírem de ócio criativo, rompendo com o sociometabolismo do capital. Enfim, os indivíduos podem simplesmente não saber o que fazer com o tempo livre.

No livro “História e Consciência de Classe”, de 1923, Lukács fizera a crítica dos *homens contemplativos*, indivíduos criados pela sociedade da indústria cultural e do entretenimento, homens e mulheres (de)formados para contemplarem meramente o mundo espetacular das mercadorias.

8. Consumo estranhado e dessubjetivação humano-genérica

Lukács identifica a manipulação como ocorrendo intensivamente na esfera do consumo que tende a transformar a superabundância de vida, no sentido de imensa coleção de mercadorias a serem consumidas, como finalidade em si mesma. Deste modo, de meio de vida, o consumo torna-se fim em si mesmo, o que é o sentido próprio da alienação, tal como ocorria (e ocorre) no *trabalho estranhado*, e agora também, no *consumo estranhado*. Amplia-se assim, a esfera da alienação social.⁶

Na sociedade burguesa tardia, a esfera de consumo se amplia, incorporando não apenas produtos-mercadorias que satisfazem as necessidades do estômago, mas, como observa Marx, as necessidades da fantasia. O melhor exemplo é a indústria cultural que envolve homens e mulheres na sociedade do capital; e diga-se de passagem, não apenas operários e empregados, mas todos as individualidades humanas, inclusive (e principalmente) jovens e crianças que ainda não trabalham.

⁶ Ao tornar-se um fim em si mesmo, o consumo interverte-se em consumismo. A rigor, a sociedade burguesa não é a “sociedade do consumo”, mas sim, “sociedade do consumismo”. Outra coisa: a ideologia quer nos fazer crer que, consumimos coisas que, de fato, compramos. Ora, comprar não é uma ação regida por necessidades necessárias, mas sim, um ato econômico com implicações sociais. Diz Jurandir Freire Costa: “Comprar se tornou equivalente a consumir porque o ritmo de produção das mercadorias nos obriga a descartá-las depois de um breve uso. Consumo é uma metáfora que alude à rapidez com que adquirimos novos objetos e inutilizamos os velhos [...] Depois das grandes revoluções tecnológicas e econômicas, a produção capitalista, para ser escoada, teve e tem de ser vendida em um fluxo contínuo. Os indivíduos, portanto, têm de comprar as mercadorias para que a máquina do lucro não pare”. Entretanto ele se interroga: por que os indivíduos se deixam seduzir pela propaganda de mercadorias? Ele sugere que o hábito do consumismo atende às reais necessidades psicossociais, ou seja, os indivíduos se deixam persuadir pela propaganda porque, em certa medida, encontra na posse dos objetos industriais um meio de realização pessoal. Essa *aspiração à realização pessoal* – ou o que Lukács sugere como sendo ter uma *vida plena de sentido* – é o motivo do anseio pelos “objetos ditos de consumo”. Costa observa que a *nova moral do trabalho* e a *nova moral do prazer* contribuem para a produção do desejo de consumir (COSTA, 2004). Outra coisa: Juliet B. Schor utiliza corretamente no título de seu instigante livro (“Nascidos para comprar” [*Born to buy*]), a palavra adequada: não se trata de “Nascidos para consumir”, mas sim, “Nascidos para comprar”.

Devido o fetichismo da mercadoria, a condição de consumidores oculta a condição de produtores dos homens que trabalham, tornando-se hoje, mais ampla que a condição de trabalhadores assalariados. Por isso, o problema da manipulação, ou o problema de uma vida plena de sentido, aparece como sendo o problema universal que envolve não apenas operários e empregados, mas todos os indivíduos à mercê das implicações fetichizadas da estética da mercadoria.

Lukács salienta que no capitalismo manipulatório, “o consumo lhe é instilado sob a forma de uma *superabundância de vida com finalidade em si mesma*.” Podemos tirar algumas conclusões desta colocação do velho Lukács:

Primeiro, a manipulação aparece como instilação redutiva que apresenta a imagem do espetacular mundo das mercadorias, com sua “superabundância de vida”, como finalidade em si mesma. O melhor exemplo é o caso do admirável mundo dos *shopping centers*, cuja arquitetura espetacular visa expor o mundo das mercadorias como sendo o único mundo possível.

Segundo, a manipulação aparece como um processo (de)formativo ou processo de subjetivação estranhada, que (de)constitui personalidades humanas, ou melhor, subjetividades humanas reduzidas à sua própria abstração, no sentido mesmo da redução levada a cabo pela vigência do trabalho abstrato. É o que podemos chamar de “individualidades abstratas”.

Portanto, os espaços de consumo sob o capitalismo manipulatório aparecem como espaços da pedagogia da mercadoria, onde homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, são educados, subrepticiamente a *reduzirem* a fruição da vida ao deleite do consumismo. O ato de viver torna-se mero ato de consumir.

Deste modo, podemos dizer, a partir de Lukács, que o metabolismo social do capital, sob o capitalismo manipulatório, implica um duplo processo:

- Por um lado, o metabolismo social do capital é processo de dessubjetivação humano-genérico e, por conseguinte, processo de dessubjetivação de classe no sentido de corrosão do sujeito histórico capaz de fazer a história;

- Por outro lado, o metabolismo social do capital é processo de subjetivação fetichizado no sentido de formação de “individualidades humanas abstratas” afetados de negação.

“Individualidades abstratas” são sujeitos “afetados de negação” na medida em que a vida, reduzida ao consumismo, abre no interior destes indivíduos, uma aguda

frustração humana não apenas no tocante ao “desejo de sentido” (utilizando a expressão de Viktor Frankl), mas no que diz respeito à satisfação de “carecimentos radicais” postos, objetivamente, pelo processo civilizatório humano-genérico⁷.

Deste modo, o cerne da manipulação como instilação da cultura redutivista do consumo como finalidade em si mesma, oculta uma operação sinistra de *desejetivação do ser genérico do homem*, na medida em que o homem assume a posição de mera *adaptação passiva* ao meio-ambiente espetacular das mercadorias.

Não se trata da morte do sujeito humano, como supõe a metafísica pós-moderna, mas sim a abertura de uma “fenda” de contradições íntimas no seio das individualidades pessoais de classe. Na mesma medida em que são intensamente manipuladas, homens e mulheres são instigados, em si e para si, a darem respostas às suas frustrações humanas, seja no tocante ao “desejo de sentido” (Viktor Frankl), seja no tocante aos “carecimentos radicais” (Agnes Heller). A incapacidade de dar respostas satisfatórias é que leva homens e mulheres ao adoecimento sob múltiplas formas.

9. Socialismo e humanização do trabalho

O estranhamento perpassa não apenas o ato de consumo, mas o processo de trabalho como processo de valorização em seu núcleo essencial. O trabalho, como observa Marx, permanece sempre, necessariamente, o reino da necessidade. Para o filósofo húngaro, o desenvolvimento do socialismo visa precisamente dar formas humanamente adequadas ao trabalho e ao desenvolvimento da humanidade. Lukács observa que Marx, na “Crítica ao Programa de Gotha”, asseverou que, uma das

⁷ A manipulação é o fenômeno social que surge, no plano da produção e reprodução social, com a incapacidade do capital em tratar do dilaceramento da personalidade humana em virtude das candentes contradições sociometabólicas do sistema produtor de mercadorias. Ao ser incapaz de propiciar uma vida plena de sentido, o capital em sua forma histórica mais desenvolvida (o capitalismo global), se encontra diante de irremediáveis limites estruturais. Certa vez, Albert Camus observou: “Há um só problema verdadeiramente sério e é...estabelecer se vale ou não a pena viver.” (CAMUS,1955). O psiquiatra Viktor Frankl, em 1949, introduziu o conceito de “desejo de sentido” para tratar de um problema do nosso tempo histórico - a falta de uma vida plena de sentido - que conduz os indivíduos humanos à deriva pessoal. Diz ele: “Em alguns casos, a frustração do desejo de sentido teve um papel relevante como fator etiológico no dar origem à neurose ou a tentativa de suicídio.” E mais adiante salienta: “A busca pelo homem de um sentido para a vida é, obviamente, um fenômeno de extensão mundial.” (FRANKL, 2006). Entretanto, o diagnóstico de Frankl não é completo: a sede de sentido (que é outro título de livro de Frankl, 2003) que ele constata como sendo um fenômeno de extensão mundial e a patologia do nosso tempo, é produto do capitalismo manipulatório (Lukács) e do controle estranhado do metabolismo social (Mészáros), isto é, do capital que, nesta etapa de desenvolvimento civilizatório, explicita à exaustão, suas contradições objetivas.

condições para o comunismo, é que o trabalho se torne para o homem uma necessidade vital. Enfim, o socialismo deve buscar humanizar o reino da necessidade.

Sob o capitalismo manipulatório, o trabalho tende a adquirir formas intimamente desumanas, tendo em vista a manipulação no sentido do controle da consciência. É o que denominamos “captura” da subjetividade do homem que trabalha (Alves, 2007). Diz Lukács: “Hoje existe uma ciência do trabalho e uma assistência psicológica do trabalhador, mas elas têm como finalidade tornar-lhe aceitável por meio da manipulação, a tecnologia capitalista existente, e não servem para criar, ao contrário, uma tecnologia capaz de transformar o trabalho numa experiência digna de ser vivida pelo trabalhador”.

Mesmo com o progresso técnico-científico, o trabalho como ineliminável reino da necessidade, não se torna, como observa o filósofo húngaro, “uma experiência digna de ser vivida pelo trabalhador”. Pelo contrário, o homem que trabalha ainda quer fugir dele, tendo em vista que não encontra nele elementos de dignidade humana.

Hoje, mais do que nunca, o trabalho destrói a vida, no sentido da vida como campo de desenvolvimento humano. É o que atestam hoje as estatísticas sobre adoecimentos no mundo do trabalho, por conta das pressões por maior produtividade e cumprimento de metas, com metas desumanas e metas humanamente impossíveis. Na verdade, por mais que se tente “humanizar” os ambientes de trabalho, o trabalho capitalista não deixa de ser um trabalho estranhado no sentido de ser um trabalho para outrem, o outro estranhado, o capitalista; trabalho alienado das finalidades de fruição humano-genérica de homens e mulheres que trabalham.

O mundo social do capitalismo tardio, segundo Lukács, é marcado pelo estranhamento em suas múltiplas dimensões. Lukács salienta o estranhamento no trabalho, tendo em vista que, para ele, o trabalho continua sendo uma experiência indigna para o homem que trabalha. E destaca também o estranhamento no consumo: liberado do tempo de trabalho, os indivíduos não encontram uma vida plena de sentido. Além das instâncias do trabalho e do consumo, o estranhamento (e a manipulação) perpassa outras instâncias da vida social, como a política.

No caso da esfera do consumo, a impossibilidade do capital transformar tempo livre em *otium*, é a maior demonstração de que, como observa Lukács, “esta manipulação é contrária aos interesses propriamente humanos”. Com o capitalismo manipulatório emerge, com vigor inédito, o poder da ideologia que, sob a condições da

crise de superprodução e crise de subconsumo, a partir de meados da década de 1960, visa promover a venda de produtos-mercadorias e a realizar a mais-valia contida nas mercadorias.

Surge a necessidade política do trabalho ideológico, no sentido da ideologia socialista, capaz de tornar mais claro, como esta manipulação é contrária aos interesses propriamente humanos. Entretanto, é importante salientar que a manipulação não é onipotente. Por exemplo, Lukács observa: “Há vinte anos (por volta de 1948), existe uma luta permanente na *haute Couture* pelo fato de que ela, enquanto manipulação do traje feminino quer introduzir de qualquer modo as saias longas. É claro que isto acontece porque o lucro da indústria têxtil seria maior neste caso. A moda, que como se diz, é onipotente, fracassa, porém, neste ponto. Há vinte anos, em Paris, nos grandes desfiles de moda, continua-se a profetizar o encomprimento das saias; porém, neste ponto, as mulheres defendem seus direitos, porque as saias longas não são adequadas ao trabalho ou às subidas em um trem cheio”.

Na verdade, o que se coloca hoje, mais do que nunca, são os interesses humanos no sentido da *genericidade humana* e não apenas os interesses de classe *em si e para si* do proletariado, embora o proletariado, hoje mais do que nunca, seja o portador dos interesses da humanidade. Portanto, o que se coloca, nestas circunstâncias históricas, é a necessidade não apenas da consciência *em si e para si* do proletariado, mas da consciência de classe do proletariado *para além de si*.

10. Estranhamento como fato universal

Numa passagem da entrevista, ao tratar do processo de manipulação, Lukács faz uma observação deveras interessante. Diz ele: “[...] trata-se verdadeiramente de um processo que não tem mais, como único ponto de referência, a classe operária; sob este aspecto, ou seja, quanto à mais-valia relativa e à manipulação, mesmo *a camada intelectual e toda a burguesia* estão igualmente sujeitas ao capitalismo e às suas manipulações, não menos do que a classe operária. Trata-se, por isto, de despertar a verdadeira *autonomia da personalidade*, e para isso o desenvolvimento econômico realizado até o presente momento criou as condições necessárias”.

Ora, sob o capitalismo manipulatório, *não* é apenas a classe operária que está sujeita às misérias da manipulação, mas, mesmo a camada intelectual e toda a burguesia, estão sujeitas ao estranhamento que amesquinha a autonomia da

personalidade. Esta condição universal de estranhamento, que envolve hoje, mais do que nunca, a humanidade, é o que denominamos “condição de proletariedade”, condição existencial do gênero humano que está subsumido e subalterno ao sociometabolismo do capital (Alves, 2009). É claro que a burguesia, amesquinhada pelo estranhamento, não tem a capacidade político-ideológica para promover a *negação da negação*. Eles são incapazes de uma verdadeira consciência de classe “para além de si”. Pelo contrário, a burguesia e suas *personas* sociais, na medida em que experimentam o estranhamento como *positividade*, estão condenadas ao trágico suplício de serem, ao mesmo tempo, agentes (e vítimas) das misérias da manipulação do capital.

11. Processo civilizatório e estranhamento

Nas condições do estágio avançado do processo civilizatório do capital, o problema da manipulação adquiriu um conteúdo problemático de novo tipo. Lukács observou que a quantidade de trabalho necessário para a reprodução física do homem tem diminuído constantemente, o que significa que, para todos os homens, pode ser encontrado hoje, mais do que em qualquer outra época, o espaço necessário para uma existência socialmente humana. Esta redução das barreiras naturais que constroem a espécie humana, mesmo ocorrendo sob o sistema sóciometabólico do capital, é o que denominamos “processo civilizatório do capital”. É claro que a redução das barreiras naturais, a redução da quantidade de trabalho necessário para a reprodução física do homem, não significa, em si e para si, a emancipação social do trabalho, mas apenas a explicitação de seus pressupostos objetivos necessários frustrados pela relação-capital.

Segundo Lukács, um momento histórico como este, aconteceu de modo economicamente limitado, com os pioneiros da civilização, quando, por exemplo, em Atenas, “a escravidão liberou do trabalho, uma camada privilegiada, permitindo assim o nascimento da grandiosa cultura ateniense”. Assim como na Grécia Antiga, a escravidão permitiu o nascimento de valores civilizatórios universais, sob o Ocidente tardio, o desenvolvimento do sistema de máquinas, no que ela representa de redução das barreiras naturais, permitiria, desde que abolida a relação-capital, um novo salto civilizatório, o desenvolvimento do socialismo. O novo salto civilizatório, o socialismo como sistema mundial, significa, não apenas a instauração de um novo modo de controle do metabolismo social, mas a salvação da humanidade de sua extinção irremediável pelo capital. Deste modo, podemos dizer que o socialismo torna-se uma

necessidade histórica imposta, não pelo esgotamento da capacidade civilizatória do capital, mas sim, pelas candentes contradições sociometabólicas que emergem no seio da civilização do capital e que podem levar à extinção da humanidade.

Lukács observa que é inegável que existem camadas sociais do proletariado para as quais ainda são válidas, quanto ao nível de vida, as velhas categorias do capitalismo, e, segundo ele, “é naturalmente uma grande tarefa preparar o desaparecimento delas e exigir para o trabalhador um outro nível de vida”. É possível, no interior do capitalismo tardio, melhorar o nível de vida de contingentes pobres do proletariado que ainda não tinham salários adequados e condições aviltantes de trabalho. Mas, observa Lukács, que, não há dúvida de que, para uma grande massa de trabalhadores assalariados, criaram-se condições objetivas capazes de tornar possível uma vida livre e adequada às exigências humanas. Por isso, segundo Lukács, “é necessário empreender uma ampla discussão sobre as formas atuais da alienação”.

Na verdade, o que Lukács indica é o acirramento da contradição histórica objetiva e subjetiva que é intrínseca ao processo civilizatório do capital, a contradição entre condições sociais materiais capazes, em si e para si, de tornar possível uma vida livre e adequada às exigências humanas; e o modo de controle estranhado do metabolismo social do capital, baseado na divisão hierárquica do trabalho e propriedade privada dos meios de produção, hoje, cada vez mais concentrada do que nunca nos oligopólios mundiais.

12. O estranhamento

A frustração irremediável das possibilidades objetivas de desenvolvimento humano-genérico e a irrealização efetiva das promessas contidas nas condições materiais abertas pelo processo civilizatório, compõem a natureza do fenômeno do estranhamento. Eis como o filósofo húngaro, na “Ontologia do ser social” expõe, em termos singelos, o problema do estranhamento. Diz ele:

“O desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente também o desenvolvimento da capacidade humana, mas – e aqui emerge praticamente o problema do estranhamento – o desenvolvimento da capacidade humana não produz obrigatoriamente o [desenvolvimento] da personalidade humana. Ao contrário: justamente potencializando capacidades singulares, pode desfigurar, aviltar, etc., a personalidade do homem” (Lukács, 1981)

O desenvolvimento das forças produtivas no sentido do processo civilizatório como redução das barreiras naturais significa o desenvolvimento da capacidade humana. Entretanto, como se expressaria o desenvolvimento das *capacidades humanas*?

Primeiro, pelo aumento da produtividade do trabalho humano e pelo domínio do espaço-tempo e das forças naturais. É o que ocorreu nos últimos séculos de capitalismo industrial com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia. O progresso da ciência e da técnica como tecnologia, é um dado inquestionável da civilização do capital. Este é o sentido instrumental do conceito de desenvolvimento das forças produtivas.

Segundo, o desenvolvimento da capacidade humana significaria, na mesma medida, o desenvolvimento de habilidades humano-sociais capazes de promover o devir humano dos homens. O que implicaria conceber o homem como uma força produtiva não apenas no sentido instrumental, mas no sentido da afirmação e negação da sociabilidade humana, mesmo que seja como *pressuposto negado*, como ocorre sob o sistema sociometabólico do capital. É inquestionável que, nos últimos séculos da civilização do capital, ocorreu um processo de individuação que pode ser concebido como um desenvolvimento de capacidade humana dos homens.

Por exemplo, novos modos de cooperação e divisão do trabalho significam novos modos de organizar habilidades sócio-humanas capazes de impulsionar as forças produtivas do trabalho social, que são forças produtivas do capital. Por isso, hoje em dia, os gestores do capital sabem que o incremento das forças produtivas do trabalho social implica não apenas investir em tecnologia (*hardware* ou *software*), mas em gestão/manipulação de habilidades/subjetividades humanas (*humanware*).

O capital como “contradição viva” opera uma inversão/perversão do desenvolvimento das forças produtivas como desenvolvimento da capacidade humana. O problema do estranhamento está no âmago da “contradição viva” do capital. Eis como ele se apresenta:

Primeiro, a *tecnologização das ciências*, que se rendem à instrumentalidade dos interesses da produção do capital; a tecnologia como forma social do capital imprime a marca da manipulação no esteio dos empreendimentos científicos. O que explica a crítica voraz que o último Lukács fez do neopositivismo como ideologia do mundo manipulado do capital;

Segundo, a *(de)formação humana dos recursos de gestão/manipulação da produção e reprodução social*. Existe uma tênue (e perversa) linha de continuidade

entre os novos métodos de gestão que prometem mais produtividade nas empresas e o discurso positivo da literatura de auto-ajuda que promete a auto-satisfação/realização pessoal.

Na verdade, o sociometabolismo da barbárie que emerge com a crise estrutural do capital significa a corrosão paulatina das capacidades humanas no sentido de efetivá-las em sua dimensão humano-genérico. Eis a “raiz” da crise de sociabilidade.

O paradoxo da “captura” da subjetividade do trabalho é que efetivamente a subjetividade não se “captura”. Nesse caso, existe uma contradição *perversa* entre capacidades humanas objetivamente efetivadas, no plano da base técnica e científica; e subjetivamente desefetivadas, no sentido de apropriação prático-sensível delas pelos homens que trabalham.

Esse desenvolvimento de (in)capacidades compõe a contradição fulcral entre possibilidades objetivas postas, uma objetividade que é irremediável subjetivamente mediada, e uma desrealização efetivada no interior do próprio sociometabolismo do capital. Observa Lukács: o desenvolvimento da capacidade humana sob o capital não produz obrigatoriamente o desenvolvimento da personalidade humana. O desenvolvimento de homens e mulheres como sujeitos humanos ou o devir humano dos homens, não depende em si, do desenvolvimento científico-tecnológico. Pelo contrário, o desenvolvimento das capacidades humanas, tanto capacidades técnicas intervertidas em (in)capacidades tecnológicas, quanto capacidades de formação intervertidas em manipulação deformativas, sob o mundo social do capital, tendem a desfigurar, aviltar, etc., a personalidade do homem que trabalha.

Um detalhe: a desfiguração e aviltamento da personalidade humana ocorre na medida em que o desenvolvimento destas capacidades humanas potencializa, não as capacidades humano-genéricas, mas as capacidades singulares do homem que trabalha. É a idéia da formação de personalidades imersas em particularismos.

Tanto os aparatos tecnológicos que organizam o espaço-tempo da produção e reprodução do capital, quanto os recursos de gestão/manipulação da subjetividade do homem que trabalha, contribuem para a (de)formação da personalidade humana através do cultivo de capacidades singulares (ou particularistas) das individualidades humanas. É interessante que, muitos dos recursos tecnológicos, sejam os *gadgets hightechs* ou mesmo os equipamentos urbanísticos que organizam nosso estilo de vida burguês, contribuem para a *formação de capacidades singulares* ou disposições egoístico-

particularistas dos indivíduos. O melhor exemplo é o privilegiamento dos automóveis em detrimento de transportes coletivos nos centros urbanos e a organização dos espaços urbanísticos em função dessa capacidade singular de locomoção espacial. Outro dado desta formação de capacidades singulares como modo de deformação do ser genérico do homem é a degradação de espaços públicos e formas de sociabilidades coletivas).

Enfim, Lukács expõe a *implicação perversa* do sociometabolismo da barbárie que *descapacita* o homem como ser genérico, potencializando suas capacidades singulares, deformando-o como ser social no interior de uma sociedade cada vez mais social no sentido objetivo. Eis a candente “contradição viva” do capital.

Esta potencialização de capacidades singulares em detrimento em capacidades humano-genéricas explicita-se na própria corrosão do ideal de coletividade como espaço de desenvolvimento de individualidades sociais. Na verdade, o problema do estranhamento é a contradição lancinante do processo civilizatório do capital.

Referências:

ALVES, Giovanni (2010). Lukács e o século XXI – Trabalho, Estranhamento e Capitalismo Manipulatório, Editora Praxis: Bauru.

_____ (2011) Trabalho e Subjetividade – O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório, Boitempo editorial: São Paulo

_____ (2013) Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho, Editora Praxis: Bauru

_____ (2014) Trabalho e neodesenvovimentismo: choque de capitalismo e a nova degradação do trabalho no Brasil, Editora Praxis: Bauru.

COSTA, Jurandir Freire (2004) “Perspectivas da juventude na sociedade de mercado” In NOVAES, Regina e VANUCCHI, Paulo (Org.) Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação. Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, São Paulo.

FRANKL, Viktor E. (2005) Um Sentido para a Vida – Psicoterapia e Humanismo, Idéias e Letras, São Paulo.

_____ (2003) Sede de Sentido, Quadrante, São Paulo.

HELLER, Agnes (1987) Sociologia de la vida cotidiana. Ediciones península, Madri.

KOSIK, Karel (1976) Dialética do Concreto. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro.

LUKÁCS, György (2014) Para uma Ontologia do Ser Social, volume 2, Boitempo editorial: São Paulo.

HOLZ, H., KOFLER, L. e ABENDROTH, W. (1969) Conversando com Lukács, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

MARX, Karl (1996) O Capital – Crítica da Economia Política, Livro 1, Tomo I, Abril Cultural, São Paulo.

MÉSZÁROS, István (2006). A teoria da alienação em Marx. Editora Boitempo, São Paulo.

JUNG, Werner (2007) “Para uma ontologia de la vida cotidiana – La Filosofía tardía de Georg Lukács”, In VEDDA, Miguel e INFRANCA, Antonino (Org.) György Lukács – Ética, Estética y Ontología, Ediciones Colihue Universidad, Buenos Aires.

ROSDOLSKY, Roman (1986) Génesis y Estructura de El Capital de Marx, 5ª. edição, trad. de León Mammes, México, Siglo Veintiuno.

SIMMEL, Georg (2006) Questões Fundamentais da Sociologia, Jorge Zahar Editor.

SCHOR, Juliet B. (2009) Nascidos para comprar – Uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo. Gente Editora, São Paulo.

TERTULIAN, Nicola (2007) : El pensamiento del último Lukács” In In VEDDA, Miguel e INFRANCA, Antonino (Org.) György Lukács – Ética, Estética y Ontología, Ediciones Colihue Universidad, Buenos Aires.

RECEBIDO EM 24-05-2015

APROVADO EM 17-08-2015